



Grupo Parlamentar
Bloco de Esquerda
Açores



Debate de urgência – 25 Jan 2012

Deputada Zuraida Soares

“Compromisso para o Crescimento, Competitividade e Emprego” é o nome dado ao embuste que saiu do Acordo assinado entre o Governo da República, o patronato e a UGT.

Se este acordo não fosse trágico para quem, em Portugal, vive do seu salário ou nem isso tem (por estar desempregado), seria um louvável esforço de fina ironia.

Mas a ironia não existe quando, num país que tem dos mais baixos salários da Europa, este acordo vem, de diversas maneiras, baixar, de forma drástica, os rendimentos do trabalho.

A combinação do banco de horas individual, com o abaixamento para metade do preço das horas extraordinárias, juntamente com a obrigatoriedade de trabalhar mais sete dias de borla, por ano, é um selvático roubo, no já depauperado poder de compra dos/as trabalhadores/as portugueses/as.

O banco de horas individual é o regresso ao tempo em que os direitos colectivos não eram reconhecidos, no nosso País.

É, na prática, a matriz que abre a porta a todos os abusos, colocando os/as trabalhadores/as ao nível dos servos da gleba, às ordens dos patrões. O planeamento e a estabilidade da vida familiar, para os defensores deste Acordo, é um conceito atrasado e conservador, porque trata de transferir mais lucros para os patrões.

Onde estão, agora, os grandes defensores da família?

PSD e CDS que, por tudo e por nada, aparecem a defender os valores da vida familiar, como um primeiro bem e alicerce da sociedade, são, agora, os coveiros desta mesma família.

Como fica a mãe-trabalhadora, que tem hora marcada para ir buscar os filhos à creche, ou ir a uma reunião da escola, quando, inesperadamente, lhe é imposto trabalhar, exactamente naquele dia, mais duas horas extras?

Como é que pode haver tempo para os/as filhos/as e para o insubstituível convívio familiar, quando, sábado após sábado, é dia de trabalho como todos os outros?

Neste Acordo, as férias são quando o patrão quiser e obrigar os/as trabalhadores/as a abdicarem dos seus dias de férias, nos dias em que as empresas decidem fazer ponte, só tem um nome: lock-out.

O despedimento sem justa causa entra, agora, pela porta pequena, quando o patrão alegar quebra de produtividade ou de qualidade do trabalho. Podem chamar a isto o que quiserem, mascarar como lhes aprouver, mas isto é o despedimento livre e arbitrário.

PSD e CDS são a frente avançada da direita mais cavernosa e revanchista, a qual, para manter os seus lucros e em nome do combate à crise, impõe aos/às trabalhadores/as a

1



Grupo Parlamentar
Bloco de Esquerda
Açores



humilhação e a miséria.

Tudo isto, na mesma semana em que Cavaco Silva diz que 10.000 mil euros de reforma mensal não chegam para as suas despesas. E que o amigo Catroga é premiado com um ordenado de 700.000 euros por ano, para assistir a sete reuniões anuais e, como o CDS não podia ficar a perder, também Celeste Cardona vai para a EDP, juntamente com mais uns amigos. E que os tachos, nas Águas de Portugal, são distribuídos também a outros amigos, sem esquecer a vaga abrupta para o Centro Cultural de Belém. E ainda agora a procissão vai no adro!

Mas tudo isto tem de ser, é inevitável, em nome da salvação de Portugal. Como diz o Líder do CDS, nos Açores: quem não concordar com este 'é fartar, vilanagem', não é bom português/a.

Mas, tal como o Dr. Artur Lima, todos os dias nos entram, pela casa dentro, as mais ilustres personagens, com a mesma ladaíinha.

Tudo isto é para o bem do país, é a Troika que manda, temos de acalmar os mercados, estamos a preparar o futuro, pois com estas medidas, no dito futuro, o País será mais competitivo, terá mais crescimento e mais emprego.

Mentira! - dizemos nós, Bloco de Esquerda/Açores.

Se a produtividade e a competitividade fossem consequência dos salários baixos, Portugal seria um dos países mais competitivos e produtivos da Europa, pois somos dos que menos ganham e mais horas trabalham.

Países como a Holanda, a Alemanha, a Suíça, são dos mais competitivos e produtivos do mundo, mas os salários são 2 a 3 vezes mais altos do que os nossos. A mentira, como diz o nosso povo, tem a perna curta.

Não esqueçamos que, a par das medidas do Acordo, temos os aumentos constantes de produtos de 1ª necessidade, os cortes dos subsídios de férias e de Natal, o aumento de impostos, de transportes, de rendas de casa, entre outros. Tudo junto a conduzir Portugal para a maior recessão de sempre, no tempo e, provavelmente, a maior, em profundidade. O Banco de Portugal estima um agravamento da recessão já superior ao previsto, no Orçamento de Estado e alguns estudos apontam para uma queda a rondar os 4%.

Este refluxo da economia tem a sua parte de leão no mercado interno porque, como é lógico, as pessoas sem dinheiro não compram. Seguem-se o fecho de empresas e o aumento do desemprego. Como se pode falar, então, em crescimento e mais emprego, com estas políticas?

Ah! Mas elas são um imperativo nacional, absolutamente essenciais para acalmar os mercados, por causa da dívida externa.

Então – perguntamos nós - como explicam os defensores do Acordo com a Troika este facto inegável: quando o Governo PSD/CDS tomou posse, pagávamos juros de 9,3% e hoje já vamos nos 14,7%?



Grupo Parlamentar
Bloco de Esquerda
Açores



Em nome da acalmia dos mercados, a direita prepara-se para destruir o País.

E nós, Açorianos/as, infelizmente, não vamos ficar fora desta situação, ao contrário do que, em tempos, alguém prometeu.

Na nossa Região, com salários mais baixos, em média, do que o todo nacional, com uma precariedade assustadora e onde a economia vive, fundamentalmente, do mercado interno, os efeitos destas políticas far-se-ão sentir, ainda, de forma mais dolorosa.

Perante tudo isto, espanta ouvir da boca do líder do PS/Açores e Presidente do Governo Regional, palavras de congratulação, pelo Acordo assinado. O mesmíssimo Acordo que o presidente da CIP, António Saraiva, caracterizou assim: “Vamos viver num quadro mais penalizador para os trabalhadores”.

Dá vontade de parafrasear o socialista António Arnaut, o qual, a propósito do Serviço Nacional de Saúde, afirmou: “Se o Partido Socialista não é capaz de defender o SNS, vale mais mudar de nome”.

No contexto que temos em mãos, se o PS nacional e o PS/Açores têm esta visão do trabalho e dos/as trabalhadores/as, na sociedade, porque não seguirem este sábio conselho?

Mas, o mais estranho é este Acordo ter sido assinado há uma semana e os candidatos do PS/Açores e do PSD Açores - os mesmos que, todos os dias, nos têm brindado com uma frenética troca de mimos através da Comunicação Social -, não tenham tido tempo para dizer aos/às Açorianos/as o que pensam, de facto, dele.

Dr. Vasco Cordeiro, Dra. Berta Cabral, quando pensam dizer, claramente, se são a favor ou contra:

- a desregulação da vida familiar dos/as Açorianos/as;
- a diminuição, ainda maior, de salários, na Região;
- o trabalhar mais sete dias, por ano, sem pagamento;
- o despedimento, nas mãos do livre arbítrio do patrão;
- a marcação de férias, sob a batuta e os interesses deste.

Estamos certos de que, para cada uma destas questões, todos reconhecerão a importância de saber o que pensam.

Porque não o fazem, então?

O PS/Açores, envergonhadamente, esconde-se atrás da UGT. Esta Central Sindical assinou o Acordo - afirmam os socialistas, para desviar as atenções. Não nos cabe, a nós, pronunciarmo-nos sobre os problemas da UGT, por o ter feito. Mas a análise desta Central sobre o Acordo é relevante. A primeira reacção da UGT, após o referido entendimento, foi reconhecer que este era um mau acordo para os/as trabalhadores/as, mas assinava-o, porque ainda podia ser pior.



Grupo Parlamentar
Bloco de Esquerda
Açores



Com esta lógica, pode assinar-se qualquer acordo, porque será sempre possível um pior. Para esta Central, o inferno é o limite.

Mas, até mesmo esta lógica perversa, à qual os defensores do Acordo se agarram, cai por terra, ao defenderem que, com ele, conquistámos a paz social e um período de acalmia, no País.

Nada mais falso!

Aí está, bem fresquinha, uma nova exigência do Presidente da CIP, o qual, aproveitando a embalagem deste Acordo, quer, agora e já, o abaixamento da Taxa Social Única.

É caso para dizer que, ainda agora acabaram se sugar o sangue de quem trabalha e já lhe querem devassar as entranhas.

Um abatimento de 4% da Taxa Social Única significa menos mil e setecentos milhões de euros, por ano, de receitas da Segurança Social.

A tradução é fácil: menos apoios sociais e reformas mais baixas, se conseguirem manter-se.

A pergunta que deixamos ao PSD/A, ao CDS/A e ao PS/Açores é esta: também vão aceitar este despudor?

Este é o caminho que leva, de facto, o País para a bancarrota. Mas outro caminho é possível, como nós temos apontado:

- renegociar a dívida e auditá-la;
- fazer pagar os impostos devidos aos rendimentos de capital e ao património;
- políticas de investimento que não contem para o défice;
- renegociação das parcerias público-privado.

São linhas de outro caminho para acorrer à crise, ao desemprego e ao futuro do País.

O Governo PSD/CDS, com a ajuda do Partido Socialista, está a colocar o país num desassossego. Mais cedo do que tarde confrontar-se-ão com a indignação de quem não aceita ser chantageado e pisado na sua dignidade.

Horta, 25 de Janeiro de 2012